



## **COM QUAL PENTEADO EU VOU? CONTAÇÃO DE HISTÓRIA AFROCENTRADA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES DE TEATRO**

ANA CAROLINA FIALHO DE ABREU<sup>1</sup>

JULIANA SOUZA OLIVEIRA<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A pesquisa compartilhada neste artigo versa sobre o estágio supervisionado e a sua relação com o processo de ensino e aprendizagem das/os acadêmicas/os do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual da Bahia (UESB), campus Jequié. O objetivo é apresentar uma análise pautada no ensino de teatro no espaço regular da escola pública.

Para tanto, especificamos o Estágio Supervisionado III: Prática Artístico Pedagógica na Educação Básica, ofertado no quarto ano do referido curso pela professora que escreve este artigo e realizado pela egressa do curso que também assina o trabalho<sup>3</sup>. Juntas, utilizamos da abordagem qualitativa pautada na pesquisa bibliográfica, associada aos dados obtidos ao longo do primeiro semestre letivo de 2022, mais precisamente na pesquisa de campo que aconteceu na Escola Municipal Doutor Celi de Freitas com duas turmas do Ensino Fundamental (anos iniciais).

A fundamentação teórica desta investigação é pautada principalmente em autoras e autores voltadas/os para os estudos sobre o Teatro na Escola Pública (SALUME, 2015) e a potência contida nas infâncias, principalmente das crianças negras (NOGUERA, Renato; SILVA, Liziane, 2020),

---

<sup>1</sup> Docente no curso de Licenciatura em Teatro da UESB e no Programa de Pós- Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC). Doutora em Artes Cênicas pela UFBA com cotutela em Antropologia pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM), Peru.

<sup>2</sup> Mestranda pelo PPGREC e Licenciada em Teatro pela UESB. Bolsista CAPES.

<sup>3</sup> A regência foi compartilhada com a estudante Larissa Chagas.

a partir de uma referência positiva, em resistência e apesar do racismo da sociedade brasileira.

A escolha foi por aprofundar os estudos sobre as experiências vivenciadas desde a contação da história *Com qual penteado eu vou?* da professora da Universidade Federal do Espírito Santo, a escritora e contadora de histórias paulistana Kiusam Regina de Oliveira (2021). No livro, a autora conta a história do aniversário de cem anos do seu Benedito, bisavô da protagonista Aisha, uma criança negra que adora penteados. Vale ressaltar que Kiusam não escreve apenas para ensinar novos penteados, mas também para falar sobre ancestralidade, diversidade, gênero, virtudes e amor.

A escolha por compartilhar as experiências vivenciadas em sala de aula através da contação da história desse livro<sup>4</sup> se deu por considerarmos que as atividades foram significativas, podendo colaborar com os processos de construção de identidades infantis e juvenis saudáveis, para uma educação antirracista e para o protagonismo infantil. Além de suscitar discussões sobre o medo de perder o “controle” na sala de aula e no risco de cair num padrão convencional de ensino, no nosso caso, de contação de história.

Segundo Juliana, a mestrandia em Relações Étnico-raciais que escreve esse artigo, é importante ressaltar que ela é uma mulher negra e que nunca se sentiu representada nas escolas onde estudou. Sobre representatividade, estamos de acordo com os pensamentos da química, filósofa e escritora Bárbara Carine Pinheiro (2023, p. 20), onde representatividade é importante porque “onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”. Nas turmas onde o estágio aconteceu, a maioria das crianças eram negras e tiveram como referência a Juliana e sua amiga também estagiária, Larissa. Ser negra/o e ter uma professora negra é muito importante, representatividade importa.

---

<sup>4</sup> Seguem outros livros utilizados pelas estudantes em outros planos de aula: *Amoras* (2018) de Emicida; *Pretinha de neve e os sete gigantes* (2013) de Rubem Filho e *O pequeno Príncipe Preto* (2020) de Rodrigo França.



Durante a etapa de observação participante das aulas da professora regente que as recebeu/acolheu no estágio, foi possível perceber, por exemplo que na escola só tinha uma professora negra. O afeto das crianças foi tão grande que Juliana e Larissa tinham dificuldades de entrar e sair da escola e da sala de aula porque eram abraçadas a todo o momento pelas crianças.

Continuando, a história contada e as imagens ilustradas do livro reforçaram a beleza, a ancestralidade, as potências e não mazelas da população e das infâncias negras. Outros livros infantis e juvenis publicados por Kiusam também possuem o mesmo intuito<sup>5</sup>.

Ao final desta introdução, importante compartilhar que esse estágio foi um grande desafio porque aconteceu no retorno das aulas presenciais, após o período de isolamento social devido à pandemia do novo coronavírus.

## **INFÂNCIAS NEGRAS E TEATRO NAS ESCOLAS**

Segundo Renato Nogueira (2020) quando as crianças negras surgem nas produções acadêmicas brasileiras, geralmente é o racismo quem as insere, não sendo um total equívoco supor que pessoas negras, em uma sociedade que se construiu a partir de uma história de genocídio e escravidão, sofram com os efeitos do racismo, entretanto: “concebê-las somente a partir do sofrimento é aprisioná-las, fortalecendo o que lhes causa mal. Algo tão violento quanto não enxergá-las.” (2020, p.187-188).

---

<sup>5</sup> Sugerimos a leitura de “Omo-Oba: histórias de princesas e príncipes” (2009), no qual recupera histórias iorubás de princesas e príncipes africanos; “O mundo no *black power* de Tayó” (2013) que tem como centro das atenções uma menina de seis anos e seu belo cabelo *black power*, relacionado ao universo da memória ancestral africana e às tradições culturais vigentes na diáspora e “O mar que banha a ilha de Gorè” (2014) que aborda a história do tráfico de seres humanos escravizados no processo de colonização europeia das Américas, cuja narrativa tem como protagonista uma menina de nove anos que viaja ao Senegal, especialmente para a ilha de Gorè, conhecido entreposto de onde vieram centenas de milhares de africanas e africanos vendidos como mercadoria.



As pesquisas realizadas pelo autor mostram que em sua maioria, os trabalhos sobre crianças ou infâncias de crianças negras discorrem sobre os efeitos do racismo para a identidade das crianças negras. De uma forma geral, evidenciavam que as crianças negras eram inseridas nas discussões da educação a partir da falta, do que as colocava em relações desiguais: “poucos estudos apontavam as crianças negras como tema principal sem centralizar a discussão em posições de subjugação, sofrimento e passividade.” (NOGUERA; SILVA, 2020, p.189).

Assim como falamos sobre a presença e a falta de professores e professoras negras/os na escola, neste momento problematizaremos também a presença e a falta do ensino de Teatro nas escolas públicas brasileiras, apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB – 9.394/96) garantir a inclusão da Arte no currículo das Escolas, desde 1996, assim como o projeto de Lei 7032/2020, uma série de fatores emperra a sua efetivação, como ressalta a professora de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (Salume, 2015).

Ao orientar alunas/os do curso de Licenciatura em Teatro da UFBA, em suas práticas de estágio, Salume sugere que elas/eles se perguntem o que planejam realizar que não poderia ser feito por um professor sem a nossa formação específica. Ela sinaliza também que temos nossa parcela de culpa quando sobrevive nas escolas a ideia de que o ensino de teatro se reduz ao desenvolvimento de brincadeiras, a partir de um tema, ou ainda, a realização de montagens de caráter didatizante, textocêntricos ou referentes a datas comemorativas.

Para a autora, no artigo intitulado *Teatro na Escola Pública: um DIREITO*, quando adentramos uma sala de aula, devidamente preparados, possibilitando que os alunos acessem diferentes convenções teatrais, a partir do que propomos com toda a materialidade oferecida ao grupo, sendo a principal o corpo, somos capazes de suscitar a imaginação criativa, alimentada com jogos, imagens, músicas, objetos, figurinos, textos, ou ainda



provocar a mudança da atmosfera desse espaço, surpreendendo-os (SALUME, 2015, p. 13).

Em acordo com a autora, pensamos que o estágio supervisionado nas escolas e as aulas de Teatro podem contribuir significativamente para a transformação do imaginário que ainda ronda o contexto educacional sobre o Teatro que é ensinado nas escolas. Também defendemos como Salume o faz, o ensino de Teatro na escola e no contexto curricular, por acreditar que um processo de democratização do acesso à Arte (Teatro), deve passar pela oportunidade de provar dessa Arte. Ninguém pode dizer que não gosta do que não conhece não é mesmo? Entretanto, tornar o teatro uma prática cotidiana, defendê-lo como área de conhecimento, não é algo assim tão simples.

Para finalizar este tópico, importante ressaltar que nenhuma e nenhum dos professores e professoras das escolas que a turma de Juliana realizou os estágios (na referida cidade) tinham formação nas diferentes áreas artísticas. Trata-se de professoras/es formados em Letras, Pedagogia, Inglês, dentre outros cursos que utilizam da carga horária de Arte para completar a carga horária exigida.

Através da contextualização social e política, da realidade que nós professoras vivenciamos nas escolas, desde a falta de representatividade até a falta de professoras/es formados nas linguagens artísticas, o que compromete a realização do estágio supervisionado, finalizaremos esse trabalho compartilhando as nossas experiências.

## **COM QUAL PENTEADO EU VOU?**

A festa de aniversário do bisavô de Aisha acontece no quintal da casa, com muitas decorações, músicas e o que nos é apresentado como mais importante: a presença de toda a família. Aisha liga para algumas de suas primas e primos para saber com qual penteado elas e eles pretendem ir para



a festa. Logo em seguida, pede para sua mãe fazer um penteado bem bonito, para deixar seu bisavô muito feliz.

Aisha fica muito alegre com o resultado do penteado feito pela sua mãe e corre ansiosa para receber suas primas e primos que já estão chegando. Ela fica encantada com a diversidade de penteados e logo reúne a todos para pensar no que poderão dar de presente ao bisavô Benedito. Por serem crianças e não terem dinheiro, ela decide que cada uma/um ofertará uma virtude a seu Benedito, a virtude mais poderosa que tiver.

Nesse momento conhecemos todas as/os primas/os de Aisha, seus nomes, significados e a virtude que será presenteada ao aniversariante da noite. Importante pontuar que todos os nomes são de origem africana, e ao apresentar o significado deles, a autora fez questão de especificar de qual lugar da África origina, por exemplo: Jafari significa “digno” em Suaíli e tem origem na África Oriental; Ayana significa “linda flor” em Amárica, com origem na Etiópica e Kwame significa “nascido no sábado” em Akan, com origem em Gana.

De forma lúdica, o que Kiusam também faz é ensinar o quanto as diferenças precisam ser celebradas. Cada bisneta/o possui uma característica física diferente das outras e todas/os são lindas/os: Adofo, por exemplo, é albino; Abidemi tem vitiligo e Olujimi tem síndrome de Down.

Adentrar a sala de aula para uma educação antirracista nunca é uma tarefa fácil. A maioria das histórias é protagonizada por princesas brancas e as narrativas muitas das vezes reduzem a população negra a uma condição de inferioridade e isso faz com que haja uma negação, reprovação em se reconhecerem negras/os e a se verem potentes, o contrário do acontece na história de Kiusam.

Pensamos que desde a infância devemos ensinar, romper com a contação de histórias únicas, diversificar essas histórias, esses corpos, essas famílias. A escola é um dos caminhos para descolonizar o saber. É também na sala de aula que a prática de enfrentamento ao racismo precisa e pode

acontecer. A escola é um ambiente diverso e como nesse espaço essas discussões não acontecem?

Continuando, durante a contação da história percebemos o quanto as crianças se viam nas crianças que eram apresentadas. Ouvíamos repetidas vezes elas dizendo que seu cabelo era muito parecido com o de alguma criança do livro e se levantavam para olhar o livro mais de perto.

Curiosas e atentas tentavam pronunciar os nomes que eram apresentados e criavam expectativa para descobrir quais seriam as virtudes dadas ao bisavô Benedito. Elas ficavam surpresas, tudo parecia ser novidade, um livro de uma família negra, com crianças negras que estavam tendo as suas belezas enaltecidas.

Após a contação da história realizamos uma prática com as turmas. Inicialmente colocamos uma música do projeto infantil *Mundo Bitá*, intitulada *Quanto cabelo que há*, que fala sobre a diversidade dos nossos cabelos. Dançamos, cantamos e nos divertimos, ora de mãos dadas, outrora repetindo os movimentos de uma pessoa (trocávamos de pessoa e continuávamos repetindo os novos movimentos aprendidos) e por fim, de maneira livre, espalhadas pela sala, cada criança do seu jeitinho e nós também.

Em seguida, fizemos uma grande roda e fomos nos apresentando, dizendo nossos nomes, se sabíamos o seu significado, falando sobre o nosso cabelo, como gostamos de usar, e aos que autorizavam, tocávamos os cabelos para conhecer a diversidade capilar e reforçar que todos as pessoas são bonitas e merecem ser elogiadas.

Vimos que existiu uma resistência de algumas crianças em ver beleza em si, mas elas consideraram as crianças parentes de Aisha muito bonitas e com penteados incríveis. Mostramos que nós também somos bonitas/os e que existe uma possibilidade infinita de nos expressarmos através de nossos cabelos.

A maioria das crianças nas turmas, como dito anteriormente, eram negras e observamos que grande parte dos meninos negros tinham o cabelo



raspado, diferente dos meninos brancos. Foi significativo observar a reação, o entusiasmo, a alegria dos meninos negros ao ver as possibilidades, o quanto eram bonitos e diferentes os penteados e tendências dos cabelos crespos e cacheados, como o corte de cabelo *nudred* de Olujimi, o *black power* de Kwame, o corte americano de Adofo, o penteado *dreadlock* de Olamilekan e a tendência *nevou* usada por Jafari.

Quando a tendência *nevou* apareceu no livro, através de Jafari, um dos meninos disse que a mãe não o deixava pintar assim, mas que era muito legal. No livro, tal maneira de pintar o cabelo é positivada. Sabemos que muitas vezes, no cotidiano escolar, as crianças negras são discriminadas negativamente por causa de seu cabelo, e o cabelo *nevou* de maneira preconceituosa muitas das vezes é visto como cabelo de “pessoas da favela”. Aqui de maneira lúdica, se discutiu a estética negra, celebrando as pessoas que vivem nas favelas, suas culturas, as tendências capilares que lançam a todo o momento e a diversidade étnico-cultural de todas as crianças brasileiras.

No caso das meninas, percebemos e nos encantamos com a diversidade dos penteados, das tranças, dos cabelos crespos e cacheados inclusive soltos, enfim, observamos que as mães das meninas aprenderam a valorizar e estão cuidando com muito carinho dos cabelos das filhas. Perguntamos para cada uma quem tinha penteado os seus cabelos e maioria respondeu que tinha sido a mãe, como acontece com a protagonista do livro.

Importante dizer que Juliana e Larissa, desde o primeiro dia na escola mostraram para as crianças o quanto os seus cabelos eram lindos. Juliana cacheada, Larissa com seu *black power* e que enquanto educadoras consideram que essas práticas poderão direcionar o nosso olhar a observar como as crianças lidam com as primeiras experiências multiétnicas e que elas podem ser positivas.



**Fonte:** acervo pessoal de Juliana Oliveira. Foto tirada da aula que protagoniza a escrita desse artigo, na Escola Municipal Dr. Celi de Freitas, pelas licenciandas Juliana Oliveira e Larissa Barros. Abril de 2022.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acreditamos que o ensino-aprendizagem nas aulas de teatro com crianças e jovens possibilita o desenvolvimento social, crítico e cultural. Negar a diversidade é negar histórias, vidas, é silenciar e contribuir para que a estrutura racista na qual vivemos não se finde, somente se fortaleça.

Por isso, pensamos que somente através de uma pedagogia antirracista iremos conseguir desierarquizar a educação, acabando com o protagonismo brancocêntrico, estimulando a criticidade e libertando as crianças negras da posição social de inferioridade. Para que isto aconteça, é necessário também dar continuidade a práticas docentes, mediadas por pessoas concursadas, formadas nas linguagens artísticas.



Para finalizar, chamamos a atenção para um fato que aconteceu em uma das turmas, a professora regente estava fazendo aniversário. No anseio de contar toda a história, de não “perder tempo” porque se tratava de uma aula de apenas cinquenta minutos, no anseio de concluir o plano que havíamos feito, perdemos a oportunidade de nos inspirarmos no livro e cantarmos parabéns para a professora e fazermos como livro, cada criança ali presente poderia ter dado de presente para a professora uma virtude.

Pensamos que daqui em diante daremos mais ênfase na contação da história e nas experiências que podemos mediar a partir da história e com a história, do que na leitura da história.

Por fim, fazemos um convite: escolha uma pessoa que você gosta muito da sua família, troque de roupa, faça um penteado e siga até a casa dessa pessoa. Troque um abraço apertado de vinte segundos com ela. Dê de presente uma virtude sua. Coloque uma música. Dancem e se divirtam!

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?** 1ª ed. – São Paulo: Editora e Melhoramentos, 2021

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023

SALUME, Célida. **Teatro na escola pública: um direito.** Cadernos do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade / Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro / Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - Nº35, p. 08 á 24, novembro, 2015.2. Salvador(BA): UFBA/PPGAC

SILVA, Liziane Guedes da. NOGUERA, Renato. **Repensando as infâncias das crianças negras: notas afroperspectivistas e introdutórias a partir do Sopapinho Poético.** pg. 187-203. Vol. 03, N.09, 2020